



Ninguém, o meu nome é Ninguém. O grande Polifemo coçava a cabeça em sinal de espanto e incompreensão. Ninguém?! Como te podes chamar Ninguém? Tu és alguém e essa condição necessita de um nome próprio, distintivo, um nome pelo qual te possa chamar e tu possas responder. A brutalidade do grande Ciclope de nada lhe servia face ao engenhoso plano de Ulisses. Garanto-te que sou Ninguém. Por certo já terás ouvido das minhas aventuras, sou o famoso Ninguém que cruza os sete mares desafiando o destino. A história parecia legítima e a oferta daquele sublime vinho servia o propósito de garantia. Irei comer-te de qualquer das formas, mas fã-lo-ei depois de me saciar com os teus companheiros. A fábula que me contas e o néctar que me trazes dão-te o privilégio de mais alguns minutos no mundo dos vivos.

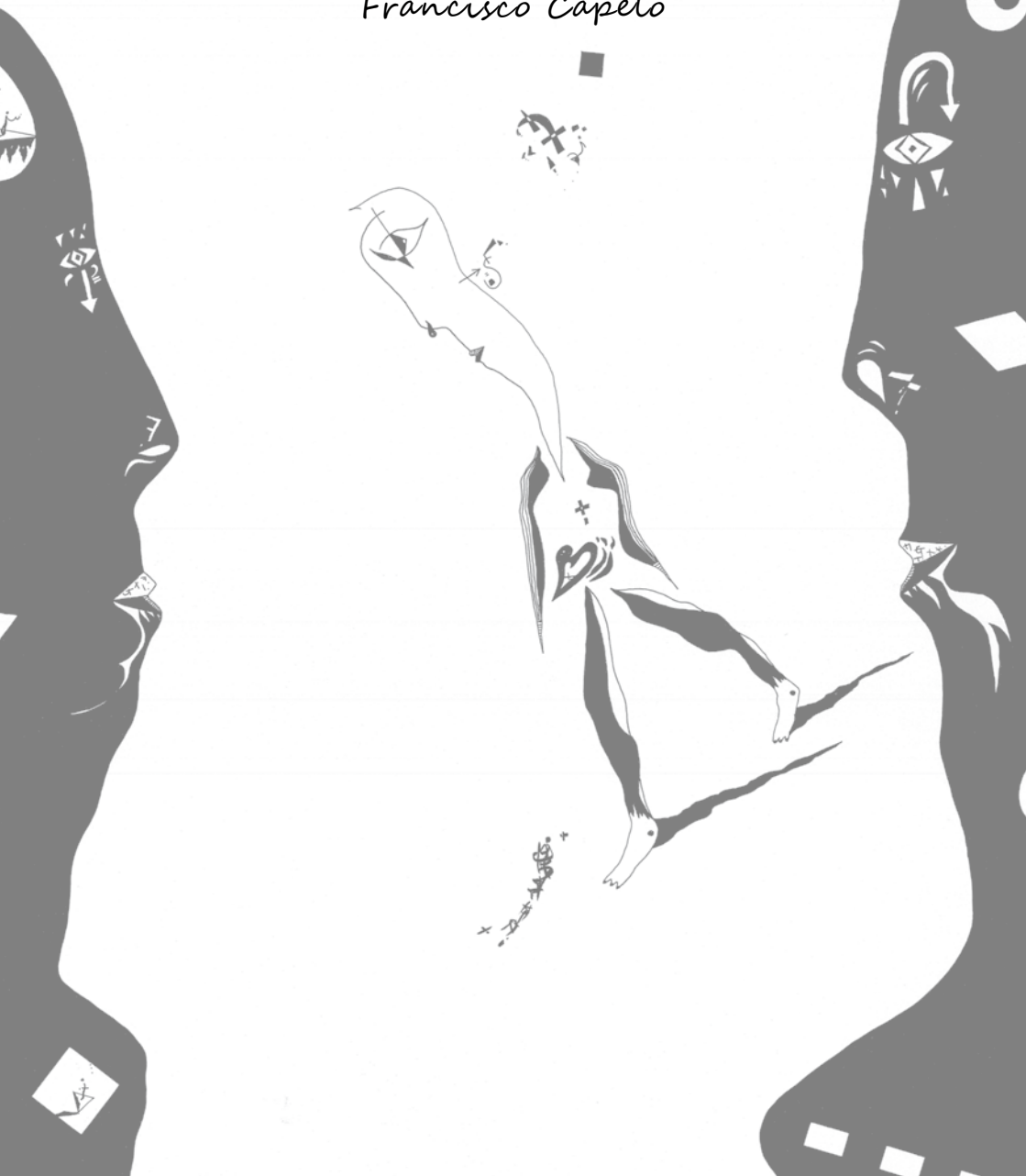
Ninguém, Ninguém quis-me matar!

AUTOR:

EXEMPLAR N°:

MENSAGENS

Francisco Capelo



MENSAGENS

Francisco Capelo

A infância

A infância é vento que sopra a nuvem da saudade
(e ser criança não é ser gente, é ser verdade)

A infância canta a um Deus desconhecido
(feliz por existir, e nunca ter vivido)

Quem sou eu, criança ou adulto?
Adulto ainda não, pois não sou culto
E já não há esperança de voltar a ser criança

Quem em mim viveu, que não sou eu?
Quem por mim viajou pelos sonhos do que não sou?

As ruínas do pensamento são o passado onde habito
Porque só uma criança sabe sonhar o infinito.

